

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC MARCIO BRAGA DE SOUZA

A ADERÊNCIA DA ESTRATÉGIA DA PARALISIA SOB A ÓTICA DO
PENSAMENTO CLÁSSICO

Rio de Janeiro

2016

CC MARCIO BRAGA DE SOUZA

A ADERÊNCIA DA ESTRATÉGIA DA PARALISIA SOB A ÓTICA DO
PENSAMENTO CLÁSSICO

Trabalho de apresentado à Escola de Guerra Naval, como
requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-
Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Alceu Oliveira Castro Jungstedt

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2016

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Natacha e aos meus filhos, Pedro e Otávio, que com a ajuda de Deus, sempre souberam compreender meus momentos de ausência em suas vidas, mesmo estando desta vez, próximo a eles;

Ao CMG (RM1-FN) Oliveira, pelos valorosos ensinamentos transmitidos em suas aulas de Estratégia Operacional que, constantemente, corrigiam meu rumo em direção ao propósito deste trabalho;

Ao CMG (RM1) Jungstedt, pela paciência e generosidade dispensadas a este Oficial-aluno, cujas orientações e conhecimentos transmitidos, sempre de maneira clara e objetiva, foram fundamentais para a conclusão desta obra; e

Ao CF (RM1) Nagashima, por fazer-me, nesta altura da vida, enxergar coisas que, até então, eu apenas olhava.

RESUMO

O propósito deste trabalho é identificar na Estratégica da Paralisia, criada por John Warden, semelhanças com os pressupostos teóricos de Clausewitz e Jomini, a fim de concluir sob qual destes pensadores clássicos as ideias do Coronel estadunidense possui maior aderência. Para tal, será empregado um desenho de pesquisa sintético, a partir da escolha de quatro aspectos considerados relevantes para a formação da Estratégia contemporânea mencionada, buscando conexões entre elas e o pensamento estratégico clássico. Como resultado, observa-se que, apesar de encontrarmos indícios de que a concepção estratégica do Coronel norte-americano poderia ter aderido a ambos os pensadores clássicos citados, segundo os aspectos escolhidos para a análise, as ideias de Jomini apresentaram um maior número de semelhanças.

Palavras-chave: Clausewitz. Estratégia da Paralisia. John Warden. Jomini. Princípios de Guerra. Teoria dos Cinco Anéis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JOHN WARDEN E A ESTRATÉGICA DA PARALISIA	8
2.1	O Aviador Militar	8
2.2	O Oficial de Estado-Maior	9
2.3	Os Preceitos Formadores da Estratégia da Paralisia	10
2.3.1	Superioridade Aérea	10
2.3.2	Princípios Estratégicos	12
2.3.3	Objetivo Decisivo	13
2.3.4	Ação Tática	15
2.4	O Modelo da “Teoria dos Cinco Anéis” dentro da Estratégia da Paralisia	17
2.5	A Moldura da Estratégia da Paralisia	23
3	O PENSAMENTO CLÁSSICO: CLAUSEWITZ	25
3.1	Do Início da Carreira Militar à Formação do Pensamento Estratégico	25
3.2	Análise da Estratégia da Paralisia à Luz dos Pressupostos de Clausewitz	27
3.2.1	Superioridade Aérea	28
3.2.2	Princípios Estratégicos	30
3.2.3	Objetivo Decisivo	31
3.2.4	Ação Tática	33

3.3	Resultados da Análise	35
4	O PENSAMENTO CLÁSSICO: JOMINI	37
4.1	Do Início da Carreira Militar à Formação do Pensamento Estratégico	37
4.2	Análise da Estratégia da Paralisa à Luz dos Pressupostos de Jomini	39
4.2.1	Superioridade Aérea	39
4.2.2	Princípios Estratégicos	40
4.2.3	Objetivo Decisivo	41
4.2.4	Ação Tática	42
4.3	Resultados da Análise	43
5	CONCLUSÃO	45

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

“Na prática da arte da guerra, a melhor coisa é render o país inimigo, inteiro e intacto; não é benéfico danificar e destruir.”

SUN TZU

A cobertura feita pela mídia televisiva em tempo real dos combates ocorridos durante a Primeira Guerra do Golfo (1990-1991) trouxe aos cidadãos de todo o mundo a capacidade de opinar e julgar as ações de cada Estado envolvido no conflito, com base naquilo que estavam vendo, deixando, assim, de limitar-se a argumentos meramente escritos. A preocupação com a repercussão que cada ato de combate podia causar, seus efeitos sobre países neutros e danos colaterais a civis, martirizavam os Estados Unidos da América (EUA) desde a Guerra do Vietnã (1960-1975).

Contudo, ao mesmo tempo que o avanço tecnológico permitia ao mundo se inteirar de maneira mais rápida e transparente dos acontecimentos, ele também proporcionava às Forças Militares o uso de equipamentos e armas cada vez mais sofisticadas e precisas. Estes modernos recursos possibilitaram o desenvolvimento de novas Estratégias que conciliaram os objetivos da guerra com a necessidade de evitar críticas cada vez mais influentes no nível político, fomentadas pela opinião pública.

Neste contexto, o Coronel da “*United States Air Force*” (USAF) John Warden, procurou desenvolver uma teoria estratégica que atingisse o Estado Final desejado por meio da neutralização do inimigo, sem a necessidade de destruí-lo completamente, reduzindo, assim, o número de mortes e danos a não combatentes. Desta maneira, após anos estudando as causas e os efeitos da guerra, Warden criou a “Estratégia da Paralisia”, base para o nosso estudo, e que permitirá identificar as semelhanças existentes entre ela e os pressupostos teóricos dos pensadores clássicos.

A fim de facilitar nossa análise partiremos da premissa de que ela foi elaborada com base em quatro aspectos fundamentais, que a partir de então, passaremos a chamá-los de preceitos: Superioridade Aérea, Princípios Estratégicos, Objetivo Decisivo e Ação Tática.

Para o entendimento de alguns termos de uso comum, adotaremos o dicionário “Michaelis *online*”, segundo o qual, a palavra preceito ¹ tem o significado de norma, guia para quaisquer procedimentos, cláusulas e condições. Para as expressões de natureza militar, quando não citada a fonte, entenderemos seus significados conforme estabelecido na publicação MD35-G-01 (Glossário das Forças Armadas) ², grafando suas iniciais em caixa alta. Quando o termo militar tiver outro significado atribuído por determinado autor, iremos transcrevê-lo entre aspas e com suas iniciais em letras maiúsculas.

Para darmos continuidade ao trabalho após esta introdução apresentaremos, no capítulo dois, a teoria da “Estratégia da Paralisia”, identificando nela os pontos de maior relevância atribuídos por Warden relacionados a cada preceito escolhido para a pesquisa.

Nos capítulos três e quatro, respectivamente, iremos analisar o que Clausewitz e Jomini pensavam sobre cada preceito escolhido, concluindo ao final dos mesmos, as semelhanças existentes entre seus pressupostos teóricos e o entendimento do Coronel estadunidense, abordado no capítulo dois.

Finalmente, diante dos resultados parciais das análises efetuadas nos capítulos anteriores, explanaremos uma conclusão que identificará em qual dos pensadores clássicos mencionados a “Estratégia da Paralisia” de Warden possui maior aderência.

Para este trabalho, entenderemos que a “Estratégia da Paralisia” fora concebida como um Plano de Campanha, estando, portanto, situada dentro da Estratégia Operacional. Tanto para este último conceito, como também para tudo o que falarmos mais adiante relacionado a níveis de decisão, nos valeremos das definições constantes da publicação EGN 601 (Manual de Estratégia Operacional).

Encerrado este introito, passemos a analisar a “Estratégia da Paralisia”.

¹ Disponível em: <http://www.michaelis.uol.com.br/busca?id=V4Avx>

² Disponível em:

http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35_g_01_glossario_ffaa_5_ed_2015.pdf

2 JOHN WARDEN E A ESTRATÉGICA DA PARALISIA

Neste capítulo iremos abordar os aspectos relevantes que levaram o Coronel John Warden a formular, em 1988, a “Estratégia da Paralisia”, empregada pelos EUA durante a Campanha Aérea desenvolvida na Primeira Guerra do Golfo. Partiremos de um breve histórico sobre a vida do Coronel norte-americano, que nos ajudará a compreender as bases de sua formação militar e, conseqüentemente, os fundamentos que o levaram a moldar sua teoria. No final deste capítulo, estaremos em condições de identificar os principais elementos formadores da “Estratégia da Paralisia”.

2.1 O Aviador Militar

John Ashley Warden III nasceu em 21 de dezembro de 1943 na pequena cidade norte-americana de McKinney, que fica a cerca de 60 quilômetros de Dallas, capital do Estado do Texas, EUA. Nascido em uma família de militares, Warden graduou-se em 1965 na Academia da Força Aérea dos EUA, iniciando uma carreira militar que perduraria pelos próximos 30 anos (OLSEN, 2007).

Durante sua formação acadêmica, Warden chegou a repensar seu futuro na Força Aérea. Na década de 1960, as críticas negativas sobre o poder aéreo como arma preponderante sobre as demais eram muito fortes, levando Warden a meditar se a Força Aérea realmente não seria apenas mais uma arma em apoio ao Exército (OLSEN, 2007). Para a sorte dos defensores das teorias de Douhet³, Warden continuou sua carreira na Força Aérea, tomando parte em várias missões no Vietnã e na Coreia. Piloto habilidoso e criativo, Warden rapidamente angariou o

³ General Giulio Douhet (1869-1930): militar italiano, autor do livro “O domínio do ar”, considerado como “Pai da Estratégia do Poder Aéreo”, que dentre outras coisas, defendia a criação de uma Força Aérea totalmente independente da subordinação da Marinha e do Exército.

reconhecimento de seus superiores, tendo participado de mais de 260 missões de combate e 3.000 horas de voo no sudeste asiático (WARDEN, 1988).

Como pudemos observar, é possível depreendermos que Warden tenha entrado para as Forças Armadas por influência de sua família e que sua escolha pela *USAF*, em certos momentos, pareceu causar-lhe dúvidas a respeito de ser o melhor caminho a seguir. Contudo, sua participação e o excelente desempenho em várias missões de combate no Vietnã e na Coréia, ainda no começo de sua vida operativa, parecem demonstrar que tal escolha tenha sido correta.

Passemos, agora, a verificar como se deu sua formação intelectual nos níveis superiores da carreira militar.

2.2 O Oficial de Estado-Maior

Tal qual ocorre com quase todas as Forças Armadas no mundo, existe uma época na carreira do Oficial que a instituição procura lhe fornecer conhecimentos que vão além do nível tático. Em 1975, Warden realiza seu mestrado na Universidade do Texas. Em seus trabalhos percebe-se a influência do General do Exército Britânico John Frederick Charles Fuller (1878-1966), sobretudo no tocante aos efeitos psicológicos que as armas que primam pelo ataque rápido e concentrado possuem sobre o moral do inimigo (OLSEN, 2007).

Neste aspecto, Warden faz análises mais abrangentes, não se detendo, apenas, aos efeitos psicológicos na população do país inimigo, causados por um intenso bombardeio aéreo. Ele expande os efeitos nocivos que um bombardeio pode causar quando orientado contra o Centro de Comando e Controle inimigo, que desestabiliza as unidades subordinadas, e da mesma maneira, produz impactos no moral inimigo. Tais considerações, juntamente com os estudos realizados sobre as teorias clássicas da guerra irão moldar seu pensamento estratégico futuro, o que iremos abordar neste trabalho, mais a frente, com maior riqueza de detalhes.

Muito provavelmente nesta época, Warden começou a escrever seus pensamentos que mais tarde culminariam na sua principal obra: “*The Air Campaign*”. Sua passagem pelo Pentágono despertou a atenção das autoridades militares norte-americanas. Diferentemente da maioria dos pilotos de caça, Warden dava crédito às doutrinas estratégicas de emprego do avião. A maneira vigorosa de defender suas ideias, lhe renderam vários comandos operacionais (OLSEN, 2007).

Sua passagem pelo “*National War College*” terminou por complementar seus estudos estratégicos (OLSEN, 2007). Poucos anos antes da Campanha dos EUA no Golfo em 1990/1991, Warden já havia concluído sua teoria sobre o poder aéreo. Não poderia ter sido melhor. Como veremos a seguir, sua teoria encontraria, adequadamente, o momento certo para ser colocada à prova. Começemos, então, a entendê-la.

2.3 Os Preceitos Formadores da Estratégica da Paralisia

Começaremos a descrever as bases da “Estratégia da Paralisia”. Como dito na introdução deste trabalho, abordaremos cada preceito escolhido, buscando identificar o que o Coronel estadunidense entende como sendo o mais importante para cada um deles. Vejamos o que ele tem a nos dizer sobre a Superioridade Aérea e as reações provocadas por ela nos oponentes.

2.3.1 Superioridade Aérea

Warden inicia o primeiro capítulo de sua obra dizendo que a Superioridade Aérea é uma necessidade (WARDEN, 1988). De fato, nem mesmo os mais ferrenhos opositores dos Estrategistas do poder aéreo conseguiram discordar desta opinião. Durante um debate

promovido na Itália em 1926, o General Bollati (1873-1944) e o Comandante Fioravanzo (1891-1975), opositores do General Douhet, reconheceram que o domínio do ar poderia ser fator decisivo na guerra (DOUHET, 1988).

A história é testemunha da importância da Superioridade Aérea, conforme podemos constatar na citação abaixo:

Desde o ataque da Alemanha na Polônia em 1939, nenhum país venceu uma guerra na presença de um inimigo com maior superioridade aérea, nenhuma grande ofensiva foi bem sucedida contra um adversário que controlava o ar e nenhuma defesa sustentou-se contra um inimigo que tinha superioridade aérea (WARDEN, 1988, p. 13, tradução nossa)⁴

Contudo, Warden é mais preciso ao estabelecer seus conceitos relativos ao domínio do ar. Diferentemente de Douhet, que somente mencionava o conceito de “Domínio” e de “Domínio Total do Ar”, Warden apresenta as expressões “Superioridade” e “Supremacia”, diferenciando-as conceitualmente. Para a primeira, ele faz associação ao controle suficiente do ar para realizar ataques sem grandes oposições por parte do inimigo. Para a segunda, Warden se refere como sendo a liberdade das Forças Aéreas operarem sem oposição inimiga em qualquer lugar (WARDEN, 1988).

Warden e Douhet ainda diferem em opinião no tocante a relação que deve existir entre os demais poderes. Para Douhet, a Marinha e o Exército deveriam ser reduzidos gradativamente, e ao mesmo tempo, as Forças Aéreas deveriam ser aumentadas gradualmente, até que as mesmas pudessem obter o “Domínio Total do Ar” (DOUHET, 1988). Percebe-se, portanto, que para o General italiano, a Marinha e o Exército estariam no futuro condenadas a subserviência da arma aérea.

Warden, ao contrário, apesar de atribuir importância fundamental a Superioridade Aérea, reconhece o valor dos componentes terrestre e naval, afirmando que ambos estão em um mesmo patamar. Warden apenas justifica que, para minimizar os riscos da missão, nenhuma

⁴ Traduzido do documento original na língua inglesa.

operação, seja terrestre ou naval, deva ser iniciada sem que a Superioridade Aérea tenha sido conquistada (WARDEN, 1988).

Como não poderia deixar de ser, o Coronel Warden formulará sua Estratégia com base no pensamento do poder aéreo. Ele tomou o devido cuidado de adequar as teorias dos primeiros defensores do poder aéreo à realidade iminente do século XXI. Continuemos a procurar os demais elementos que guiaram Warden durante o desenvolvimento de sua teoria.

2.3.2 Princípios Estratégicos

Para esta análise é mister que procuremos estabelecer um conceito para “Princípios Estratégicos”. Sendo assim, iremos estruturar nosso raciocínio, para tudo o que for relacionado a “Princípios Estratégicos” ou “Princípios de Guerra” neste trabalho, com base no “Tratado de Estratégia” adotado pela Escola de Guerra Naval (EGN) como referência para os estudos da Disciplina de Estratégia do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS). Definiremos “Princípios Estratégicos” como regras gerais que visam a não submissão à lei do inimigo e que assegurem a superioridade sobre pontos escolhidos por meio de uma ação rápida e determinada (COUTAN-BÉGARIE, 2011).

Warden dedica três capítulos de sua obra a comparações, citando exemplos históricos de Operações Aéreas ofensivas e defensivas. Ele faz uma alusão a estas duas possibilidades que permeiam a mente dos Generais, a um imenso jogo de xadrez. Ele inicia sua argumentação listando vantagens e desvantagens relacionadas à ambas Operações. Finalmente, conclui que as Operações Aéreas ofensivas apresentam a vantagem maior de não permitir que o inimigo passe a ter a “Iniciativa das Ações”. Ele também entende que tais Operações ofensivas deverão ser

assumidas contra “Centros de Gravidade” do inimigo apropriados, onde existam grandes probabilidades de infligir danos colaterais que poderão se constituir em alvos durante a execução de uma fase futura da Campanha (WARDEN, 1988).

Pelo exposto podemos concluir que o Coronel da Força Aérea dos EUA estabelece três diretrizes primordiais em sua obra: a “Ofensiva”, a “Iniciativa das Ações” e a “Direção” (também chamada de objetivo, por alguns autores). Analisando os termos evocados à luz da definição acima é possível entender que todos podem ser enquadrados como “Princípios”. Contudo, para que um “Princípio” possa ser considerado válido, é necessário que ele seja capaz de impor-se em qualquer circunstância. Sendo assim, a “Ofensiva” deve ser descartada desta relação, em virtude de nem sempre ser possível atacar o inimigo (COUTAN-BÉGARIE, 2011).

A história do poder aéreo é muito recente. Ela nos fornece apenas dois bons exemplos de Campanhas aéreas defensivas bem-sucedidas. A primeira delas foi a resistência britânica aos bombardeios alemães durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A outra foi a defesa Norte-Vietnamita contra a ofensiva Norte-Americana durante a Guerra do Vietnã (1960-1975) (WARDEN, 1988). Além disso, as Forças Armadas dos EUA disfrutaram de equipamentos e tecnologias superiores em quantidade e qualidade, o que faz com que possam empreender Campanhas ofensivas com maior facilidade, levando a guerra para bem distante do seu território. E sendo o avião uma arma naturalmente ofensiva, fica bastante claro compreender os motivos que levaram Warden a posicionar este tipo de operação no centro do seu pensamento estratégico. Guardemos, por hora, que a “Iniciativa das Ações” e a “Direção” são os princípios primordiais enxergados por Warden. Vejamos, agora, onde ele pretende aplicar tais princípios.

2.3.3 Objetivo Decisivo

Warden entende que o Objetivo Decisivo é aquele formado por um “Centro de Gravidade”. Para o Coronel norte-americano, um “Centro de Gravidade” é algo em que o inimigo é mais vulnerável, e se ali atacado, poderá proporcionar vantagens decisivas ao seu oponente (WARDEN, 1988).

Cada tipo de guerra tem um ou mais “Centros de Gravidade”. Caso existam vários “Centros de Gravidade” envolvidos, a força deve ser aplicada em tudo que se mova entre eles, ou seja, que demonstre uma relação de interdependência entre ambos. Assim sendo, determinada fábrica de munições pode se constituir em um “Centro de Gravidade”, mas não podemos desprezar o canal pelo qual as munições fabricadas nela chegam até os combatentes, como por exemplo, por meio de uma ferrovia. Talvez a mais importante responsabilidade de um Comandante seja identificar corretamente e atacar adequadamente os “Centros de Gravidade” do inimigo (WARDEN, 1988).

Quando se dispõe de meios de mais de um tipo de Força Armada, deve-se ter o cuidado de atribuir a cada uma delas a responsabilidade sobre “Centros de Gravidade” específicos e distintos, de modo a mitigar os efeitos causados pela fricção⁵ que por ventura venham existir entre os líderes de cada Força componente (WARDEN, 1988).

Como visto, a identificação dos “Centros de Gravidade” é vital para o planejamento da Campanha. A distribuição correta de cada “Centro de Gravidade” entre as Forças componentes deve respeitar as capacidades de cada uma, cabendo ao Comandante do Teatro de Operações

⁵ Fricção: refere-se as dificuldades existentes entre militares que lutam de um mesmo lado, causadas devido a suas origens e naturezas diferentes, que geram desentendimentos, afastando-as da missão comum. Assim, é possível existir fricção entre Marinheiros e Soldados do Exército de um mesmo país (costumes, tradições, naturezas diferentes), por exemplo (COUTAN-BÉGARIE, 2011).

atentar para os efeitos negativos que uma má designação de tarefas pode ocasionar na missão como um todo.

Fisicamente os “Centros de Gravidade” podem ser constituídos por aeronaves, mísseis, meios logísticos, tropas, carros de combate, navios e forças navais, estruturas empregadas para a manutenção do esforço de guerra e, também, os Centros de Comando e Controle inimigo. Quando isolados ou na impossibilidade de serem atacados pelos meios terrestres ou navais, o poder aéreo deve ser empregado para obter as vantagens vislumbradas (WARDEN, 1988).

Porém devemos ter em mente que o inimigo saberá defender os seus “Centros de Gravidade” e, portanto, outros alvos intermediários deverão ser estabelecidos até que seja possível atingi-los. Sendo assim, nenhuma Força deve, inicialmente, concentrar seus esforços diretamente sobre os “Centros de Gravidades” do inimigo. Ações intermediárias deverão ocorrer, priorizando os alvos que estejam na direção da conquista destes “Centros de Gravidade” (WARDEN, 1988).

Pelo exposto é possível compreender que, apesar de fundamental, a busca pelo “Centro de Gravidade” do inimigo não deve ser realizada sem um cuidadoso estudo dos fatores e das condicionantes intermediárias que se encontram no meio do caminho.

Passemos, agora, a analisar o último, mas não menos importante, preceito que nos ajudará a compreender a “Estratégica da Paralisia”: a Ação Tática.

2.3.4 Ação Tática

A batalha como classicamente a conhecemos deve envolver o choque entre Forças antagônicas. Adiantando o que veremos no próximo capítulo, Clausewitz considerava a batalha como sendo a “essência da guerra” (Clausewitz, 1996). Porém, cada vez mais os beligerantes têm procurado evitar a perda maciça de homens e equipamentos, face a complexidade agregada

neste binômio, que envolve desde os gastos dispendidos no desenvolvimento das tecnologias, até o treinamento de homens cada vez mais capacitados a operá-los.

Para armar e manter um Exército pronto para operar é necessário toda uma cadeia logística para apoiá-lo no Teatro de Operações. Nem sempre a distância existente entre as fontes de suprimentos e o local onde as tropas se encontram será tal que permita a ela gozar da proteção do núcleo daquela Força. Assim sendo, as Linhas de Comunicação por onde fluem o suporte logístico constituem-se valiosos objetivos militares que, ao serem destruídos, poderão gerar esmagadoras vantagens (WARDEN, 1988). Warden entende que a melhor maneira de executar o ataque às Linhas de Comunicação e as suas próprias fontes de recursos deva ocorrer por meio de “Ações de Interdição”.

A “Interdição” visa impedir que uma Força usufrua dos recursos necessários à manutenção do seu estado beligerante ou da sua capacidade de resistir às hostilidades do inimigo. Logo podemos afirmar que, historicamente, a “Interdição” sempre existiu, não sendo, portanto, um conceito novo. A diferença é que na Antiguidade e na Idade Média, por exemplo, ela era aplicada de maneira mais lenta, até mesmo estática, como por exemplo, sob a forma de cerco. Manter uma cidade cercada era a forma encontrada pelos Generais de forçar a rendição do inimigo que se recusava a lutar. Evitando que alimentos, água e outros gêneros chegassem até as cidades sitiadas, esperava-se que a vitória surgisse com o passar do tempo

Nos dias atuais, o cerco ganhou a mobilidade necessária graças ao avanço tecnológico. As distâncias parecem ter ficado menores, principalmente, após a invenção do avião. Desta maneira, é possível romper as Linhas de Comunicação inimigas com mais velocidade e com maior eficácia. E a arma aérea é perfeita para este tipo de operação, desde que, obviamente, se detenha a Superioridade Aérea.

Nenhuma Força Armada hoje sobrevive sem combustíveis. Assim, refinarias de petróleo, comboios de caminhões tanques, pontes, estradas e tudo mais que for utilizado pelo

inimigo no seu esforço de guerra, deve ser criteriosamente avaliado, podendo ser atribuído a estes um valor militar muitas vezes superior ao que é geralmente dado a um Batalhão de Infantaria (WARDEN, 1988).

Talvez, o preceito mais importante da “Estratégia da Paralisia” seja, justamente, a “Interdição”. A “Ação de Interdição” é o núcleo de sua formação, ou em outras palavras, o seu “coração”. Será por meio das “Ações de Interdição” que os elos existentes entre os “Centros de Gravidade” do inimigo se romperão.

Veremos a seguir o modelo criado por Warden para melhor compreensão de sua “Estratégia da Paralisia”, denominado por ele como “Teoria dos Cinco Anéis”.

2.4 O Modelo da “Teoria dos Cinco Anéis”

Neste momento, passaremos a moldar a “Estratégia da Paralisia”. Pudemos identificar, segundo nossa análise dos preceitos escolhidos, que ela foi estruturada tendo como base a Superioridade Aérea, os “Princípios Estratégicos” da “Iniciativa das Ações” e da “Direção”, o Objetivo Decisivo estruturado sobre o conceito de “Centro de Gravidade” e a Ação Tática da “Interdição”.

A “Estratégia da Paralisia”, além de incorporar os preceitos descritos, possui alicerces em um modelo teórico criado por Warden. Este modelo chamado de “Teoria dos Cinco Anéis”, que pretendemos apresentar, tem como foco a observação sobre o inimigo e sua estrutura e não o poderio da Força que planeja executar a “Estratégia da Paralisia” (WARDEN, 1995).

Primeiramente, devemos identificar os “Centros de Gravidade” do inimigo, por meio de um estudo minucioso de toda a sua capacidade de mobilização. Como dito anteriormente, a identificação de vários “Centros de Gravidade” forçará ao planejador estabelecer todas as

conexões existentes entre eles, fim permitir destacar as relações de interdependência entre os mesmos.

A partir da identificação dos “Centros de Gravidade”, devemos estabelecer um critério que irá hierarquizá-los em escala de importância. Warden procura priorizá-los atribuindo maior importância àqueles “Centros de Gravidade” que, em caso de destruição ou neutralização, sejam de maior dificuldade de reposição. Para melhor esclarecer o que foi falado anteriormente, vejamos o que o Coronel aviador da Força Aérea Brasileira Mauro Barbosa Siqueira descreveu em seu trabalho na Escola Superior de Guerra (ESG), a respeito da “Teoria dos Cinco Anéis”:

Na consecução da estratégia de paralisar os alvos vitais dos Estados, no nível estratégico, tendem a ser pequenos, muito caros, ter pouca possibilidade de reposição, e ser de difícil reparo. Se uma percentagem significativa for atingida em paralelo, o dano se torna irrecuperável (SIQUEIRA, 2012, p.37).

Segundo o Coronel Siqueira, Warden estabeleceu cinco “Centros de Gravidades” genéricos, capazes de representar os objetivos decisivos a serem conquistados em cada um dos níveis de decisão, da maioria dos Estados da atualidade:

- Direção ou liderança central: seria o comando do país, representado pelo seu Chefe de Estado ou de Governo;
- Elementos Orgânicos Essenciais: representados pelas lideranças políticas e econômicas de determinado Estado, tais como o Parlamento, líderes das empresas de grande influência econômica etc;
- Infraestrutura: conjunto de bens e serviços dos quais uma população e seu Estado usufruem para melhor viver em sociedade. Energia elétrica, rede de transportes etc;
- População: todos os habitantes que vivem em determinado território; e
- Forças Militares: incluído todos os tipos de organizações capazes de lutar e serem reconhecidos pelo Direito Aplicado ao Conflito Armado (DICA), como combatentes (WARDEN, 1995).

Existe uma relação de importância entre os Objetivos Decisivos. Para melhor representar esta relação, Warden buscou um modelo gráfico constituído de cinco anéis concêntricos. A importância dada a cada um destes anéis, que representam os “Centros de Gravidade” do inimigo, aumenta de dentro para fora, ou seja, o Objetivo Decisivo que se encontra representado pelo círculo menor possui maior relevância do que o que está imediatamente circunscrito a ele, e assim por diante, até chegarmos ao círculo maior (SIQUEIRA, 2012).

É importante notar que este modelo poderá ser adaptado para outras situações, não se aplicando somente ao caso exemplificado, onde se considerou o sistema como sendo um Estado da atualidade.

Assim, podemos empregar a “Teoria dos Cinco Anéis” a um sistema menor, indo parar até mesmo no nível tático, como por exemplo, um complexo industrial que se pretende neutralizar. Analogamente, o edifício onde a direção geral do complexo trabalha seria a liderança central, os prédios onde se encontram os principais executivos seriam os elementos orgânicos essenciais, os equipamentos vitais à produção industrial e demais estruturas de apoio seriam as infraestruturas, a vila onde vivem os operários representaria a população e finalmente, os responsáveis pela segurança do complexo, as Forças Militares.

A seguir, apresentaremos o modelo gráfico da “Teoria dos Cinco Anéis” de Warden, adaptado segundo o conceito do Coronel Siqueira:



FIGURA – Modelo gráfico da “Teoria dos Cinco Anéis” (alteração de cores e formato da legenda pelo autor)
Fonte: SIQUEIRA, 2012, p. 37.

Podemos observar que o modelo acima imediatamente nos passa a ideia de um alvo de tiro, encontrado comumente em esportes desta natureza. Coincidência ou não, a representação gráfica da “Teoria dos Cinco Anéis” é facilmente associada ao seu objetivo: a identificação dos “Centros de Gravidade” do inimigo que servirão de base para a elaboração das listas de alvos das diretrizes dos níveis operacional e tático.

Os anéis concêntricos também nos fazem refletir sobre uma outra questão: a figura geométrica do círculo, cujos pontos de sua circunferência equidistam do ponto central no comprimento do seu raio, nos sugere uma ideia de infinitos vetores partindo de fora para dentro, convergindo sobre um único ponto. Esta reflexão nos permite imaginar que os “Centros de Gravidade” podem ser atacados de direções diferentes, e também, ao mesmo tempo, possibilitando atender outros “Princípios” importantes, como a “Surpresa” e a “Manobra”, por meio da inesperada ameaça oriunda de várias direções e da velocidade com que são executadas. Estas múltiplas ações simultâneas sobre os “Centros de Gravidade” do inimigo, Warden denominou “Ataque Paralelo” (WARDEN, 1988).

Não podemos, no entanto, esquecer que o conceito recém mencionado de “Ataque Paralelo” deve ser aplicado no nível operacional e tático. Para o nível estratégico, continuaremos mantendo o preceito já descrito que nos levou a classificar a “Direção” como um dos “Princípios Estratégicos” primordiais da “Estratégia da Paralisia”. Neste sentido, a “Direção” permanece única e inflexível, orientada no sentido do “Centro de Gravidade” mais importante, passando, contudo, pelos demais que foram identificados e que guardam relações de interdependência, como já mencionamos.

Uma terceira conclusão que poderemos tirar observando a “Teoria dos Cinco Anéis” está relacionado a influência do fator humano na escolha dos “Centros de Gravidade”. Dos cinco anéis mencionados na teoria, pelo menos três estão expressos diretamente sob a forma de recursos humanos (sem considerar que as Forças Militares também são compostas por homens).

Desta maneira, podemos inferir que Warden atribui elevado valor aos aspectos psicológicos da guerra. Neste sentido, sua teoria se aproxima do pensamento de Douhet, porém, com algumas diferenças motivadas pela época vivida pelo Coronel norte-americano, conforme podemos observar na citação a seguir:

O princípio subjacente para todos os bombardeios aéreos é o seguinte: a ação de bombardeio deve destruir completamente o alvo visado, de modo que não seja necessário repetir a operação. Certos riscos estão sempre envolvidos em chegar ao alvo e é aconselhável enfrentar estes riscos apenas uma vez. Ademais, a completa destruição do alvo escolhido, além dos resultados materiais, tem influência no moral, chegando a ter repercussões enormes. Basta imaginar o que aconteceria entre a população de áreas povoadas quando a notícia de que, se o inimigo escolhesse visar tais centros, eles seriam inteiramente destruídos e ninguém teria chance de escapar. Falando de modo geral então, os alvos dos ataques aéreos serão áreas de certas dimensões contendo edifícios, casas, fábricas, etc, bem como certa quantidade de habitantes (DOUHET, 1988, p.42).

Da citação acima, podemos perceber em Douhet o claro objetivo de atacar a população dos países inimigos, colocando-os como alvos prioritários. O General italiano afirma que o ataque à população traz prejuízos morais sobre o inimigo que podem ser explorados muito bem pelo seu opositor. De certa maneira, é até compreensível que Douhet assim pensasse. Ele viveu

numa época de grandes mudanças. Presenciou a transformação da Era Vitoriana ⁶ em um século de grandes avanços tecnológicos, sociais e militares, que substituiu a tração animal pela mecânica, que fez o homem voar como os pássaros, enfim, que abriu uma gama enorme de possibilidades para a humanidade, algumas boas e outras infelizes. Lutou na Grande Guerra (1914-1918), uma guerra que muitos achavam que seria rápida, mas que se estendeu por longos quatro anos, ceifando milhões de vidas.

A época vivida por Warden, ao contrário da de Douhet, é marcada por severas críticas à carnificina nos campos de batalha e aos abusos contra a humanidade ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, a assinatura de vários protocolos internacionais que estabeleceram normas do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA), sem falar no constante monitoramento pela imprensa quase em tempo real dos acontecimentos, fizeram com que os Estrategistas do final do século XX, dessem um pouco mais de atenção ao aspecto humanitário. Assim sendo, apesar de não desprezar os efeitos psicológicos que um ataque desferido fora dos campos de batalha pode causar, Warden estabelece que os mesmos devam ser melhor controlados, não necessariamente com o objetivo de destruir. Para ele, a neutralização de determinado objetivo é mais vantajosa do que a total destruição, e as ações de “Interdição” são perfeitas para atender este requisito e de vital importância para sua “Estratégia da Paralisia”, como vimos anteriormente.

O desenvolvimento de armamento preciso tornou possível destruir o lado material do inimigo, minimizando os efeitos colaterais a civis. Isto, porém, não quer dizer que os efeitos morais e o atrito deixaram de existir. Apenas podemos colocar uma separação entre o homem e o equipamento, que podemos neutralizar o inimigo sem termos que recorrer a destruição de tudo o que está envolta (WARDEN, 1995).

⁶ Era Vitoriana: refere-se ao período do reinado da Rainha Vitória (Reino Unido), que durou de 1819 a 1901. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=3w8AZ>.

Encerrada a análise da “Teoria dos Cinco Anéis”, passemos a organizar nosso pensamento visando moldurar a “Estratégia da Paralisia”.

2.5 A Moldura da Estratégia da Paralisia

Como vimos, a Superioridade Aérea é condição essencial para o desenvolvimento de qualquer ação militar, seja terrestre ou naval, de modo a evitarmos riscos desnecessários. Logo, percebemos que somente poderemos pôr em prática a Estratégia criada por Warden se tivermos meios e pessoal qualificado, em quantidade e qualidade suficientes, para garantir a Superioridade Aérea.

Uma vez obtido o requisito anterior, devemos nos debruçar na fase mais importante do trabalho: a identificação dos Objetivos Decisivos. Vimos que a seleção dos “Centros de Gravidade” deve não somente se ater ao seu núcleo, mas sim a tudo que está envolta dele, principalmente, as suas relações de interdependência. Identificados os “Centros de Gravidade”, buscaremos designar que Forças farão o esforço principal sobre cada um deles, conforme as capacidades de cada uma delas.

Recorreremos ao diagrama da “Teoria dos Cinco Anéis”. Traçaremos sobre este os “Centros de Gravidade”, ligando-os com uma reta que representará o “Princípio da Direção” estratégica. Todos os planos decorrentes do nível estratégico deverão estar orientados sobre esta direção. Lembremo-nos que as determinações para os níveis operacionais e táticos deverão estabelecer diretrizes para a realização de “Ataques Paralelos” sobre os alvos selecionados, de modo a atender os “Princípios da Manobra” e da “Surpresa”. Ainda sobre a observação dos “Princípios Estratégicos”, classificamos o “Princípio da Iniciativa das Ações” como sendo, também, primordial. Será por meio da aplicação deste princípio em todas as fases da Campanha que garantiremos o propósito de colocar o inimigo na defensiva.

Finalmente, uma vez que consigamos colocar o inimigo na defensiva, procuraremos realizar ataques sobre os alvos selecionados, visando neutralizá-los, valendo-se da ação tática da “Interdição”. O emprego de armas de grande precisão garantirá o menor efeito colateral possível, evitando repercussões negativas por parte dos Órgãos Internacionais e dos demais atores envolvidos no conflito.

Desta maneira, a “Estratégia da Paralisia” é posta em prática. Impedindo que os órgãos vitais do inimigo possam continuar funcionando, garante-se a paralisia de toda a sua estrutura, sem, no entanto, destruí-la por completo. Sem condições de manter-se na guerra e com o moral de sua população bastante diminuída, é provável que o inimigo se renda. Na Primeira Guerra do Golfo, o Iraque de Saddam Hussein (1937-2006) foi derrotado em menos de dois meses depois que o Plano Estratégico de Warden foi posto em prática.

Nos próximos capítulos iremos confrontar os preceitos escolhidos da “Estratégia da Paralisia” com pressupostos teóricos escritos a mais de 150 anos antes do surgimento dela. Como era esperado, veremos que muito do que pensou Warden tem aderência nas reflexões de alguns pensadores clássicos. Passemos, então, a investigá-los.

3. O PENSAMENTO CLÁSSICO: CLAUSEWITZ

Neste capítulo iremos analisar os preceitos da “Estratégia da Paralisia” sob a ótica dos pressupostos teóricos elaborados por Clausewitz. Com o mesmo objetivo do capítulo anterior, iniciaremos esta parte do trabalho descrevendo um breve histórico sobre a vida de Clausewitz e de seu mentor intelectual, e, em seguida, daremos sequência a análise proposta.

3.1 Do Início da Carreira Militar à Formação do Pensamento Estratégico

Para melhor compreensão da formação do nosso Estrategista, faz-se necessário que percamos um pouco de tempo falando a respeito de um outro Chefe Militar de renomado valor: o General Scharnhorst.

Scharnhorst viveu entre 1755 e 1813. Iniciou sua carreira militar aos 16 anos como soldado, revelando-se em um excepcional e arrojado combatente. Especialista em armamento, dedicava seu tempo livre aos estudos, ao desenvolvimento de teorias de combate e a escrever artigos militares para jornais. Sua reputação de soldado aguerrido, juntamente com sua notável dedicação aos estudos, fez com que ele galgasse o caminho do Oficialato, sendo promovido ao posto de Coronel em 1801 (PARET, 2001).

Scharnhorst vivenciou, praticamente, todas as transformações desencadeadas pelas Guerras Napoleônicas⁷. Na sua opinião o grande problema das potências europeias da época, responsável por as deixarem em posição inferior à França, consistia na incessante busca pela modernização dos aspectos sociais, políticos, econômicos e militares, sem, no entanto, desejar submeter-se ao fantasma da República (PARET, 2001). Por tal motivo, desde cedo ele procurou

⁷ Guerras Napoleônicas: conflitos armados que se estenderam entre 1799 (ano em que Napoleão Bonaparte assumiu o Comando do Exército Francês na Itália) e 1815 (ano em que foi derrotado definitivamente em Waterloo), que envolveu várias nações europeias, gerando profundas mudanças no mapa político daquele continente (GOMES, 2007).

entender uma maneira de conciliar a iminente evolução que o mundo passava, com a necessidade de manter o tradicional sistema monárquico absolutista.

Scharnhorst compreendeu que o momento em que vivia clamava por mudanças, e decidiu que começaria a realiza-las por meio do Exército. Uma das barreiras a serem derrubadas era a forma conservadora das Forças Armadas, sobretudo no que dizia respeito à seleção de seus Oficiais. Para ele, proporcionar aos demais segmentos da sociedade a oportunidade de ascender à nobreza por meio da meritocracia era uma das metas a serem perseguidas para evitar revoltas sociais, como a que ocorrera na França em 1789. Assim, aliou-se fielmente à monarquia, obtendo o aval do Imperador Frederico Guilherme III (1770-1840) para implementá-las. Com as portas abertas pelo próprio Imperador, tudo se tornara mais fácil.

A direção da Escola Militar “caiu como uma luva” nas mãos de Scharnhorst. Nela ele pode colocar suas ideias modernas em prática, influenciando e angariando a admiração dos futuros líderes do Exército. Em especial, um de seus discípulos da Escola Militar, de origem humilde, chamava a atenção pela sua aplicação nos estudos e pelo seu caráter determinado: Carl Philip Gottlieb von Clausewitz.

Clausewitz era prussiano ⁸, nascido em 1º de junho de 1780, na pequena cidade de Burg, que dista cem quilômetros de Berlin, atual capital da Alemanha. Oriundo de uma família burguesa composta de clérigos luteranos e de militares subalternos do Exército, Clausewitz buscou desde cedo ascender à nobreza prussiana, encontrando na carreira militar uma maneira para alcançar seus objetivos. Juntamente com seus irmãos, conseguiu tornar-se Cadete do Exército após a morte do Imperador Frederico II (1712-1786), “o Grande”, que proibia a entrada de cidadãos comuns no Corpo de Oficiais (PARET, 2001).

Seu batismo de fogo ocorreu aos 12 anos de idade durante a Campanha prussiana que expulsou os franceses da Renânia em 1793. Após a desmobilização do Exército em 1795,

⁸ Prussiano: natural ou pertencente ao antigo reino da Prússia (atualmente dividido entre a Alemanha, a Polônia e a Rússia). Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=yVGK3>.

Clausewitz retornou a Prússia, indo servir num pequeno regimento comandado por um Oficial que incentivava seus subordinados a estudarem assuntos profissionais, literatura e história. Em 1801, Clausewitz foi aceito na Escola Militar de Berlin, formando-se em 1804. Foi designado para servir como Ajudante do Príncipe Augusto da Prússia (1779-1843), sobrinho do Imperador Frederico II, onde passou a frequentar a corte, fato este que lhe rendeu a oportunidade de conhecer sua futura esposa, a Condessa Marie Brühl (1779-1836), dama de companhia da Rainha-mãe (PARET, 2001).

Ao lado do Príncipe Augusto, Clausewitz tomou parte nos combates de 1806 contra o Exército de Napoleão Bonaparte (1769-1821), que resultaram em suas capturas e uma detenção de cerca de dez meses na França.

Sua estadia naquele país lhe rendeu a oportunidade de travar contato com a sociedade e a cultura do inimigo, aspectos que ajudaram a enriquecer suas teorias sobre a guerra, iniciadas poucos anos antes, motivadas pelo seu antigo protetor, o General Scharnhorst. (PARET, 2001).

E assim, a partir daquele momento, Clausewitz estará por vezes envolvido com sua produção literária. Entre uma participação e outra em alguma Campanha, seja direta ou indiretamente, o General prussiano estará preocupado em transmitir suas ideias ao papel. Passaremos, pois, a analisar os pressupostos teóricos do seu pensamento que nos interessam para este trabalho.

3.2 Análise da Estratégia da Paralisia à Luz dos Pressupostos de Clausewitz

Antes de entrarmos nos pressupostos teóricos de Clausewitz, precisamos atribuir a expressão “pensamento clássico” uma definição, até mesmo para justificar a escolha dos autores categorizados como “clássicos” neste trabalho. Assumiremos que qualquer tipo de obra, advém inicialmente de um esforço mental, que por sua vez, é a base para o pensamento. Assim sendo,

iremos nos valer novamente da definição do Dicionário “*Michaelis online*”, que atribui à obra ou ao autor o significado de “clássico”⁹, àquele de estilo impecável que constitui modelo digno de imitação.

Tanto as obras de Clausewitz, quanto as de Jomini, que veremos mais adiante, podem ser perfeitamente enquadradas dentro desta definição, uma vez que serviram de referência para inúmeros trabalhos posteriores às suas criações, além de terem sido reconhecidas em vários países mundo a fora, extrapolando o limite de suas respectivas áreas de influência, ainda em uma época em que as informações transcorriam em uma velocidade bem inferior à que observamos nos dias atuais, como foi, por exemplo, no século XIX.

Atendida esta necessidade, passaremos agora à análise dos pressupostos teóricos, como dito anteriormente.

3.2.1 Superioridade Aérea

Como vimos no capítulo dois, um dos preceitos que compõem a base estrutural da “Estratégia da Paralisia” do Coronel Warden é a Superioridade Aérea. Contudo, apesar do sonho de voar, muito provavelmente, acompanha o homem desde o início de sua história na Terra, na época de Clausewitz o avião (meio que dará ao homem a possibilidade de manter-se temporariamente sobre o ar) ainda estava longe de ser inventado. No final do século XVIII já se percebia o interesse de alguns Estrategistas para empregar balões em proveito das ações de reconhecimento ou, até mesmo, como um “protótipo de bombardeiro”, mas, no entanto, a ideia de travar combates aéreos com aqueles meios era de difícil aceitação.

Assim sendo, iremos analisar a questão da Superioridade Aérea exatamente como era possível raciocinar sobre ela no final do século XVIII e início do século XIX, ou seja, apenas

⁹ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=1Akj>

em relação aos ambientes terrestres e marítimos, nos atendo mais ao primeiro, em virtude da natureza de ofício dos nossos pensadores clássicos escolhidos para este trabalho.

Começemos a análise tentando encontrar no passado alguma coisa que poderia se assemelhar a presença do homem no ar. O fato de permanecer no ar está relacionado ao poder de elevar-se sobre a superfície, ou em outras palavras, de torna-se mais alto que todas as coisas que estão sobre ela. Esta capacidade de se posicionar acima da superfície, militarmente, pode trazer algumas vantagens para um Exército.

Qualquer esforço físico exercido de baixo para cima é mais difícil do que no sentido inverso, o que nos faz refletir inicialmente sobre três vantagens advindas de quem ocupa uma posição elevada: em primeiro lugar, que qualquer elevação deve ser considerada como um obstáculo à aproximação; segundo que, embora o alcance do fogo não seja notadamente maior a partir da elevação, a linha de tiro é francamente melhor de cima para baixo; e por último, a posição superior permite uma ampla visão do conjunto (CLAUSEWITZ, 1996).

Assim, é possível entendermos a existência de uma relação de poder entre dois antagonistas que se encontram em posições altimétricas diferentes, na qual o ocupante da posição superior tende a exercer domínio sobre o que ocupa a posição inferior. Sobre esta relação, Clausewitz afirma:

É desses elementos que se compõe o poder daquilo a que se chama dominar, comandar, desaprumar. É desse princípio que decorre o sentimento de superioridade e de segurança daquele que do alto da montanha avista aos seus pés o inimigo, e o sentimento de fraqueza e de ansiedade daquele que se encontra embaixo. Talvez esta impressão de conjunto seja mais intensa do que deveria, porquanto as vantagens de um ponto elevado impressionam mais os sentidos do que as circunstâncias que modificam estas vantagens. Talvez esta impressão exceda o seu fundamento, e nesse caso esse efeito da imaginação deve ser considerado como um elemento a mais que reforça o efeito da posição dominante (CLAUSEWITZ, 1996, p. 460).

Percebemos que Clausewitz atribui ao surgimento da superioridade a existência da relação de domínio mencionada. Ele ainda observa que esta impressão de superioridade talvez não seja tão grande assim tal qual imagina o Exército que encontra-se em posição inferior.

Porém, o simples fato de causar este efeito no oponente já é o bastante para considerá-la como um benefício a ser buscado.

Desta maneira, apesar da impossibilidade de verificarmos o que Clausewitz pensaria sobre Superioridade Aérea, é possível entendermos a importância que ele dava às posições elevadas, e mais ainda, que admitia uma relação de superioridade ao Exército ocupante de tais posições.

Passemos, agora, a analisar o que Clausewitz pensava sobre os “Princípios da Guerra”.

3.2.2 Princípios Estratégicos

O Livro III – Da Estratégia em geral, da célebre obra “Da Guerra”, do General prussiano nos fornecerá os subsídios necessários para a análise desta subseção.

Para Clausewitz, a melhor Estratégia consiste em se ser sempre muito forte, primeiramente de um modo geral e depois no momento decisivo (CLAUSEWITZ, 1996). Isto nos dá uma pista importante sobre o que o General prussiano considerava como a melhor estratégia. Dela podemos concluir que ser forte é fundamental para a conquista dos objetivos. Mas como é possível tornar-se forte, ou melhor, mais forte que o seu adversário? A resposta para esta pergunta está estruturada em dois aspectos básicos: número e momento.

Tanto para a tática como para a estratégia a “Superioridade Numérica” é o princípio mais abrangente da vitória. Sua graduação e proporção em relação ao inimigo (duas, três, dez vezes mais) é capaz de esmagar todo o resto. Assim, temos que reconhecer que a “Superioridade Numérica” é o fator mais importante do resultado do combate, contrabalanceando as outras circunstâncias (CLAUSEWITZ, 1996).

E quanto ao momento? Mesmo para um Exército numeroso, dependendo da dimensão territorial que se estenda a guerra, pode ser difícil se fazer presente, forte, em todos os lugares.

Assim, podemos inferir que a relação tempo e espaço deve de alguma maneira influenciar o fator numérico.

Clausewitz atribui importância fundamental à busca pelo combate decisivo. E sobre esta afirmação, é que podemos concluir que na guerra, reconhecer os momentos decisivos pode fazer a diferença entre a glória da vitória e o sabor amargo da derrota. Assim, podemos concluir que, além de desejar ser forte, um Exército deve ter em mente a importância de ser forte no momento certo.

Portanto, segundo nossa análise a respeito dos “Princípios Estratégicos” considerados pelo General prussiano, constatamos que a “Superioridade Numérica”, também chamada de “Massa”, aplicada no momento decisivo, constitui-se na lei máxima da guerra. Podemos associar a junção destes dois fatores ao conceito do “Princípio da Concentração”, que prescreve reunir o máximo de forças em um ponto escolhido de maneira a dispor de uma massa de manobra ou de choque que permitirá com que o mais forte esteja no melhor local, no melhor momento (COUTAN-BÉGARIE, 2011).

Agora que já entendemos qual “Princípio Estratégico” Clausewitz entendia como sendo preponderante, passemos a ver o que ele tem a nos dizer sobre que tipos de objetivos um Exército deve perseguir.

3.2.3 Objetivo Decisivo

Clausewitz foi um dos primeiros, senão o pioneiro, a documentar no âmbito da literatura militar, a expressão “Centro de Gravidade”, permitindo que tal conceito ultrapasse os limites da física.

Para ele, o “Centro de Gravidade” representa o núcleo do poder inimigo, o eixo em movimento, no qual deve-se procurar desferir o golpe definitivo, por meio da concentração máxima de forças sobre este ponto (CLAUSEWITZ, 1996).

Apropriadamente, o núcleo do poder inimigo pode ser entendido como o seu ponto de equilíbrio, do qual sua sustentação depende incondicionalmente, remetendo-nos, assim, ao conceito físico do centro de gravidade. Mas, uma vez que o próprio Clausewitz entendia a guerra como sendo algo de extrema complexidade, nos parece por demais incoerente admitir que apenas um único objetivo possa ter vital importância, ao ponto de decidir o seu destino.

Aprofundando-se um pouco mais em sua obra, iremos constatar que o General prussiano não despreza as demais circunstâncias que envolvem o núcleo central do poder inimigo. Segundo ele, a complexidade dos fatores envolvidos em uma guerra, faz com que os Generais identifiquem vários pontos de relevada importância, que podem ser denominados, também, de “Centros de Gravidade”. A chave para o sucesso, no entanto, caberá a genialidade do Estrategista em identificar e tentar reduzir ao máximo o número destes “Centros de Gravidade” secundários, até encontrar um único centro de poder principal, este sim chamado, apropriadamente, de “Centro de Gravidade” (CLAUSEWITZ, 1996).

Apesar de Clausewitz admitir que a guerra é a continuação da política por outros meios, reconhecendo, assim, que o poder militar estava subordinado à vontade e aos interesses políticos (CLAUSEWITZ, 1996), pouco se observa em sua obra aspectos que sugerem a extensão do conceito de “Centro de Gravidade” para àquele domínio ou para o nível socioeconômico de uma nação.

Pelo exposto, podemos concluir que o conceito de “Centro de Gravidade” para Clausewitz relacionava-se a um perfeito entendimento dos fatores de força e fraqueza do inimigo, no nível operacional e tático. A correta identificação destes fatores, lhe renderia a

possibilidade de distinguir o núcleo do poder inimigo (por ele denominado “Centro de Gravidade”), e sobre ele, concentrar o máximo de suas forças no momento decisivo.

Entendido tal conceito, passemos, então, a verificar como ele concebera a melhor maneira de conduzir a força sobre o inimigo.

3.2.4 Ação Tática

Apesar de não empregar o termo “Interdição” como uma ação tática de guerra, tal qual estamos fazendo neste trabalho, o capítulo XVI, do Livro V, da sua já mencionada obra “Da Guerra”, nos fornece algumas noções sobre o pensamento do General prussiano a respeito de interrupção de Linhas de Comunicação.

Segundo ele, as estradas constituem-se em importantes artérias por onde fluem o abastecimento de comida e demais suprimentos, não devendo o fluxo logístico que por elas transitam ser interrompido de modo permanente, sob o risco de enfraquecer o Exército. Ele atribui às estradas que se prestam a este tipo de serviço, a denominação de Linhas de Comunicação, enfatizando que somente as que possuem instalados ao seu redor, depósitos, hospitais, estações de malas postais e guarnições, é que realmente podem ser assim classificadas (CLAUSEWITZ, 1996).

Antes de nos aprofundarmos sobre a relevância que Clausewitz dava a interrupção das Linhas de Comunicação inimiga, é preciso que reflitamos sobre como elas eram estabelecidas no final do século XVIII e começo do século XIX.

A logística e suas funções eram algo relativamente novo naquela época, tendo sido estudada seriamente pelo Duque de Rohan (1732-1763), ainda no século anterior. Até então, a

concepção de que um exército poderia sobreviver daquilo que pudesse explorar na terra conquistada era mantido como princípio, obrigando-os a recorrer a pilhagens por onde passavam (COUTAN-BÉGARIE, 2011).

Tal como ocorre nos dias de hoje, o abastecimento de quaisquer tipos de suprimentos é profundamente depende da forma com que são transportados. Garantia de entrega e rapidez são requisitos logísticos profundamente dependentes dos meios de transporte. E não seria exagero de nossa parte afirmar que na época de Clausewitz, em virtude dos meios que se dispunha para tal tarefa (carros movidos a tração animal), somados as condições das estradas, o abastecimento ocorria de maneira lenta e precária.

Logo naquela época, a ação de alocar tropas para atacar e interromper o fluxo de abastecimento inimigo, deveria ser muito bem avaliada, de modo a não incorrer no risco de empregar energia considerável para obter resultados medíocres, conforme podemos, a seguir, observar:

Um único ataque de flanco, que podia ser decisivo com o sistema de abastecimento, quando milhares de furgões com farinha circulavam pelas estradas, atualmente não teria nenhum efeito, mesmo que fosse bem-sucedido. Pois que os carregamentos que ele conseguiria arrebataram acarretariam quando muito um enfraquecimento parcial, mas não uma retirada (CLAUSEWITZ, 1996, p. 450).

Portanto, a ação de “Interdição” com a finalidade de romper as Linhas de Comunicação inimigas, apesar de admitida por Clausewitz como sendo uma das possíveis causas que podem levar ao enfraquecimento do inimigo, não parece refletir tamanho valor militar, ao ponto de se constituir em algo a ser buscado prioritariamente por um Exército.

Mas, então, qual seria o tipo de ação prioritária que uma Força Armada deve buscar para infligir em seu inimigo uma derrota maior em uma guerra?

A resposta de Clausewitz para essa pergunta é entendida como sendo a base de todo o pensamento estratégico clássico conhecido: a batalha decisiva.

Seja no ambiente terrestre ou no marítimo, a despeito das inovações trazidas pela “*Jeune École*”¹⁰, o pensamento clássico se encontrará rodeado de questões sobre a aceitação ou não da batalha decisiva.

Clausewitz chama de recontro, o combate, o choque entre os Exércitos. Para ele, a busca pela batalha decisiva visando a destruição do exército inimigo deve orientar todo o planejamento de um General (CLAUSEWITZ, 1996).

Pelo exposto, podemos concluir que na concepção do General prussiano o poder de uma Força Militar deve estar orientado sobre o objetivo principal de destruir o inimigo. Ações de “Interdição” poderão ser realizadas, desde que não comprometam o esforço principal do Exército, que será realizado por meio da concentração de força sobre o “Centro de Gravidade” inimigo.

Assim encerramos a análise proposta. Faremos agora, uma breve exposição dos resultados encontrados, visando futuramente, obter conclusões sobre a aderência da “Estratégia da Paralisia” em relação aos pressupostos teóricos de Clausewitz.

3.3 Resultados da Análise

O conceito de Superioridade Aérea não pôde ser analisado a fundo, haja visto a discrepância existente entre as molduras temporais vividas pelos autores envolvidos. Porém, pudemos concluir que Clausewitz, mesmo que intuitivamente, compreendia o valor militar que uma Força gozaria se dominasse o ar, aqui representado para efeitos comparativos, por uma

¹⁰ *Jeune École* (Nova Escola, da tradução do francês): classificação atribuída à corrente do pensamento estratégico marítimo, que tinha na figura do Almirante francês Hyacinthe Laurent Théophile Aube seu maior defensor. Esta corrente opunha-se ao estilo clássico predominante historicamente no século XIX, defensor da batalha decisiva estruturada com base em poderosas Esquadras oceânicas, compostas por navios de linha. Aube incentivava o emprego das novas tecnologias surgidas em sua época, como as minas, os torpedos e navios leves (como os cruzadores), com o propósito de moldar uma nova visão estratégica capaz de se contrapor ao conceito tradicionalmente empregado pelos britânicos (COUTAN-BÉGARIE, 2011).

grande elevação. E mais ainda, vimos que ele percebeu a existência de uma relação de domínio entre dois antagonistas que ocupam posições diferentes em relação a uma elevação, atribuindo ao que se encontra no nível mais elevado, uma superioridade relativa.

No tocante aos “Princípios Estratégicos”, Clausewitz classifica a “Concentração” como sendo a lei máxima da guerra, discordando de nossa análise sobre Warden, que nos fez concluir que a “Iniciativa das Ações” e a “Direção” constituem-se nas mais preciosas diretrizes.

Nossa análise sobre Objetivo Decisivo do General prussiano é praticamente a mesma aplicada por Warden em sua teoria. Tênuê diferença podemos observar, quando concluímos que Clausewitz não aprofundou o conceito de “Centro de Gravidade” na esfera política, econômica e social, limitando-a ao nível de decisão operacional e tático. Warden leva este conceito mais adiante, identificando “Centros de Gravidade” além das Forças Militares, estendendo-o à população, a infraestrutura do Estado e as lideranças políticas.

Por fim, percebemos que os autores se afastam em direções opostas no que diz respeito a Ação Tática fundamental a ser empregada. Clausewitz, como não poderia deixar de ser, defendia o conceito tradicional da busca pela batalha decisiva, com o objetivo de aniquilar o inimigo. Warden entende ser mais importante a neutralização do inimigo até que ele não possua mais condições de lutar. Assim sendo, o Coronel estadunidense acredita que tal condição poderia ser imposta por meio de ações de “Interdição”, que visam neutralizar os “Centros de Gravidade” inimigos.

Dito isto, passemos agora a analisar os preceitos estabelecidos à luz de um outro pensador clássico de igual importância para a história militar: Jomini.

4 O PENSAMENTO CLÁSSICO: JOMINI

Propor a análise de uma determinada Estratégia contemporânea à luz das teorias de Clausewitz sem verificar o que Jomini tem a nos dizer sobre ela, é o mesmo que, numa disputa judicial entre dois antagonistas, ouvir somente uma das partes.

Competidores dentro e fora dos campos de batalha, Clausewitz e Jomini procuraram, durante suas vidas, estarem em lados opostos. Contemporâneos (a diferença de idade entre eles era pouco mais de um ano), tomaram parte das Guerras Napoleônicas, fonte inesgotável de aprendizado que fomentaram suas teorias.

Curiosamente, apesar dos fatos acima mencionados, combinados com as diferenças de suas personalidades (Clausewitz, introspectivo e depressivo, enquanto que Jomini possuía um caráter mais audaz e arrogante), é possível encontrarmos aspectos comuns entre ambos e concluirmos que existe uma relação de dependência entre suas teorias, como se elas, fundamentalmente, se complementassem (PARET, 2001).

Assim sendo, a fim de não darmos vantagem a nenhum de nossos Estrategos, antes de iniciarmos nossa análise sobre Jomini, faremos um breve apanhado da vida do General suíço.

4.1 Do Início da Carreira Militar à Formação do Pensamento Estratégico

Antoine-Henri Jomini nasceu em Vaud, na Suíça, em 1779. Sua família era de imigrantes italianos, de classe média, que lhe forneceu condições suficientes para estudar e ingressar logo cedo na carreira de um Banco em Paris (PARET, 2001).

Em pouco tempo, o jovem Jomini percebeu que sua carreira bancária não lhe renderia uma vida desafiadora e promissora. Ofuscado pelo brilho das vitórias de Napoleão Bonaparte, tratou de procurar uma maneira de ingressar no Exército Francês, que não fosse pela porta

comum que muitos jovens atravessavam. Desta maneira, Jomini recusou-se a ser soldado, galgando uma posição subalterna em um Estado-Maior que lidava com a função de suprimento das tropas (JOMINI, 1949).

Por volta de 1802, aproveitando-se de um período de ligeira paz provocado pelo Tratado de Amiens ¹¹, Jomini escreveu sua primeira obra literária que versava sobre as Campanhas de Frederico “O Grande”. Este trabalho foi apresentado ao próprio Napoleão que se surpreendeu com o talento e a inteligência do jovem Oficial suíço. Como forma de reconhecimento, Napoleão designou Jomini para servir em seu Estado-Maior, iniciando, assim, sua tão sonhada e ambiciosa carreira no Alto Comando Militar do Exército Frances (JOMINI, 1949).

Contudo, o seu talento e a sua brilhante inteligência eram acompanhados de uma impetuosa arrogância e de uma personalidade absolutamente sem tato. Em pouco tempo, Jomini conseguiu atrair a antipatia do General Berthier (1753-1815), Chefe do Estado-Maior de Napoleão, rendendo-lhe sua exoneração em 1805, e conseqüente nomeação para o cargo de Chefe do Estado-Maior do Marechal Ney (1769-1815), um dos maiores Generais do Exército de Napoleão (PARET, 2001).

Ney fora para Jomini o que Scharnhorst fora para Clausewitz. Sob a proteção de Ney, Jomini pode em fim, colocar em prática toda sua genialidade, dando continuidade aos seus ensaios e estudos sobre a guerra, que perdurariam até o final da sua vida. A oportunidade de ter um dos maiores heróis do Exército de Napoleão ao seu lado, proveu-lhe uma rica bagagem sobre a arte da guerra, além da reconhecida influência sobre os demais escalões do poderio francês.

Agora que já temos uma breve noção a respeito do nosso Estrategista, passemos a analisar o que ele pensava a respeito dos preceitos escolhidos para o propósito do nosso trabalho.

¹¹ Tratado de Amiens: firmado entre a França e o Reino Unido, em 25 de março de 1802, quebrado um ano depois, que pretendia trazer a paz definitiva entre as duas potências europeias. Disponível em: <http://seuhistory.com/hoje-na-historia/assinado-o-tratado-de-amiens-na-franca>.

4.2 Análise da Estratégia da Paralisia à Luz dos Pressupostos de Jomini

No capítulo três vimos os motivos que nos fizeram classificar Clausewitz e, também, Jomini, como autores clássicos. Com relação a Jomini, iremos efetuar nossa análise à luz da sua obra “A Arte da Guerra”, trabalho que na nossa visão, concentra grande parte dos assuntos escolhidos para o nosso propósito.

4.2.1 Superioridade Aérea

Como já dissemos, Jomini fora contemporâneo de Clausewitz, e, portanto, não presenciou a era em que o homem dominou o ambiente aéreo. Contudo, poderemos chegar a algumas conclusões interessantes relacionadas a Superioridade Aérea lendo sua obra supracitada. Vamos a elas.

Jomini, ao contrário de Clausewitz, parece ter dúvidas sobre a relação de superioridade que possa existir entre quem ocupa uma posição elevada e o oponente que se encontra em um local inferior. Em suas palavras, “Tem sido uma velha questão saber se a posse das montanhas controla os vales, ou se a posse dos vales controla as montanhas” (JOMINI, 1946, p.88).

Depois de esmiuçar o assunto, valendo-se de exemplos da história para justificar como os grandes Generais conseguiram tirar proveito de uma ou outra posição, ele conclui que a relação de superioridade que possa existir, dependerá da genialidade do General em comando (JOMINI, 1949).

Contudo, a visão de Jomini alcança um patamar não explorado por Clausewitz. Tendo chegado ao seu conhecimento o emprego de um aeróstato ¹² na Batalha de Fleurus, pelo General Jourdan (1762-1833) em 1794, ele reconhece que este tipo de instrumento, caso empregado à

¹² Aeróstato: Veículo que se eleva e se mantém no ar graças à ação da força ascensional de um gás mais leve que o ar, tais como balões e dirigíveis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OoVe>.

altitude adequada, possuindo a bordo um Oficial experiente, capaz de bem avaliar os movimentos do inimigo, com um sistema de transmissão de informações aperfeiçoado, possibilitaria a obtenção de vantagens valiosas. Ele ainda faz comparações entre um observador sobre um campanário e um situado sobre um cesto flutuante, concluindo que, apesar do desconforto deste último, ele possui as vantagens de ser transportado para qualquer local e de poder se posicionar à altura adequada (JOMINI, 1949).

Assim, podemos concluir que, embora Jomini pareça ter dúvidas sobre a superioridade relativa que uma força possa ter sobre o seu oponente que ocupa uma posição inferior a sua, atribuindo à genialidade do seu Comandante, o mérito de tirar proveito deste tipo de situação, ele claramente reconhece a vantagem valorosa de observar o inimigo do alto, prelúdio do que poderia se tornar o aeróstato (predecessor do avião) como meio fundamental nas ações de esclarecimento e reconhecimento.

Passemos, então, a ver o que o General suíço tem a nos dizer sobre os “Princípios Estratégicos”.

4.2.2 Princípios Estratégicos

Jomini era defensor ferrenho dos “Princípios da Guerra”. Para ele, as leis da guerra, além de praticamente inalteráveis ao longo do tempo, constituíam-se em ferramentas fundamentais as quais os Generais deveriam recorrer, principalmente, nos momentos mais críticos, conforme podemos notar:

Existe um pequeno número de princípios fundamentais de guerra, dos quais não se pode desviar sem perigo e cuja aplicação ao contrário, tem sido em quase todos os tempos coroada de sucesso. As máximas de aplicação, que derivam desses princípios são também em pequeno número, e se elas se acham algumas vezes modificadas segundo as circunstâncias podem, não obstante, servir como uma bússola a um comandante de exército para orientá-lo na tarefa, sempre difícil e complicada, de conduzir grandes operações no meio da desordem e do tumulto do combate (JOMINI, 1949, p.47).

O General Suíço entendia como princípio fundamental da guerra aquele que prima por levar o grosso das forças de um Exército sobre o inimigo, segundo uma orientação correta, ou seja, aquele que dará uma boa direção às massas (JOMINI, 1949).

Entenderemos o “Princípio da Direção”, como sendo a linha imaginária que indica o eixo no qual as ações de uma força devem ser conduzidas, ou em outras palavras, como um itinerário que conduz uma tropa desde sua base até o ponto que se deseja atingir (COUTANBÉGARIE, 2011).

Jomini complementa sua lógica afirmando que para dar a “Direção” correta às massas, é necessário tomar a iniciativa. O partido atacante tem a vantagem de saber o que exatamente irá executar, enquanto que o que defende, tem a dúvida constante de onde será golpeado (JOMINI, 1949).

Pelo exposto, podemos concluir que Jomini além de reconhecer a importância das massas, atribui relevância a dois outros “Princípios da Guerra”, que darão sentido a ela, retirando-a da inércia: a “Direção” e a “Iniciativa das Ações”.

Vejamos, agora, o que ele vislumbrava como sendo o Objetivo Decisivo de uma guerra.

4.2.3 Objetivo Decisivo

Jomini denominou “Pontos Decisivos Estratégicos” todo local capaz de exercer influência marcante sobre o resultado de uma campanha ou sobre uma simples operação. Afirmava que a direção dada a massa de um exército deveria ser aplicada sobre estes “Pontos Decisivos”, que em síntese, constituíam-se nos objetivos a serem atingidos (JOMINI, 1949).

Assim sendo, ele tende a identificar os objetivos determinantes de uma guerra, na forma de lugares e regiões, como as capitais dos Estados, fortalezas, pontos de encontro de Linhas de Comunicação (cidades posicionadas na confluência de estradas e rios), desfiladeiros (por deixar

uma única saída ao movimento de um Exército), o litoral (por pressionar um Exército sobre o mar), dentre outros (JOMINI, 1949).

Na visão do General suíço, identificar corretamente estes “Pontos Decisivos” era uma das maiores dificuldades da guerra. A óbvia ação de lançar as massas sobre eles, tornava-se complexa em virtude da ausência de informações suficientes para um Comandante classificar adequadamente seus objetivos (JOMINI, 1949).

Pelo exposto, podemos inferir que Jomini possuía uma visão bastante geográfica e territorial dos objetivos estratégicos. Percebia a importância de identificá-los corretamente, reconhecendo a dificuldade que um General possui para realizar esta tarefa.

Na próxima subseção, veremos o tipo de Ação Tática entendida por Jomini como sendo aquela que deveria ser priorizada para atingir os objetivos estratégicos de uma guerra.

4.2.4 Ação Tática

Começamos esta subseção lembrando que Jomini, tal como seu “adversário” prussiano, vivera a guerra de estilo clássico do final do século XVIII e início do XIX, onde enormes fileiras de tropas lentas, organizadas em marcha, ao toque de corneta e sinais visuais de estandartes, recebiam suas ordens para agir. O encontro dos Exércitos inimigos era o *climax*, o momento mais esperado, e cada batalha era encarada pelos beligerantes como sendo a última de suas vidas e, portanto, cria-se na importância de se travar a batalha decisiva.

Contudo, Jomini faz ressalvas interessantes a ação ofensiva de destruir o inimigo por meio de uma batalha decisiva. Ele comenta que tal asserção nem sempre é exata, pois Exércitos inteiros têm sido destruídos por operações estratégicas sem travar batalhas, concluindo que o estado moral de uma tropa, e mesmo das nações, mais que qualquer outra coisa, é o que torna a vitória e seus resultados decisivos (JOMINI, 1949).

Ele atribuía importância às ações contra comboios de provisões e munições e a interceptação de corpos de Exércitos inimigos que estejam se deslocando para efetivarem junções no terreno, mas, deixa claro que, apesar de ser tentador realizar estes tipos de operações, deve-se ter em mente que elas possuem um caráter secundário, pois o primordial é o uso da força sobre os “Pontos Decisivos” (JOMINI, 1949).

Neste aspecto, podemos perceber que o General suíço alçava seu olhar além da visão comum enxergada por seus contemporâneos. Não obstante, apesar de não negar a busca da destruição do inimigo em uma batalha decisiva, ele nos faz refletir sobre a possibilidade de conquistar a vitória por meio de outras ações, que não as ofensivas que visam o aniquilamento do inimigo. O fato dele enxergar a moral da tropa ou da nação inimiga como algo a ser combatido, somado a visão estratégica de romper com as Linhas de Comunicação do inimigo, evitando assim que ele se reabasteça e se torne mais forte pelo emassamento de suas tropas, nos sugere que Jomini via com bons olhos as Ações Táticas de “Interdição”.

Encerrada esta subseção, passemos agora a rever o que apresentamos neste capítulo, de modo a encontrarmos um resultado para nossa análise.

4.3 Resultado da Análise

Conforme já vínhamos realizando, seguiremos a ordem cronológica dos aspectos mencionados para desencadear nossas conclusões.

Começemos, pois, pela questão da Superioridade Aérea. Vimos que Jomini, parece possuir dúvidas sobre a relação de vantagens que possam advir de um oponente que ocupa uma posição elevada, topograficamente, superior, à do seu inimigo. Mas, por meio da análise tática do emprego de um aeróstato, ainda no século XVIII, Jomini afirma que tal meio poderá se tornar

de fundamental importância para as ações de reconhecimento do inimigo, o que lhe ampliaria, substancialmente, a vantagem sobre ele.

Em relação aos “Princípios Estratégicos”, percebemos um completo alinhamento entre as ideias do Coronel norte-americano e o General suíço. Jomini, atribui à “Direção” das massas sobre os “Pontos Decisivos” a lei máxima da guerra, ressaltando que a “Iniciativa das Ações” é o estopim para desencadeá-la.

No que tange a identificação do Objetivo Decisivo, Jomini apresenta o conceito de “Ponto Decisivo”, por nós entendido, como algo restrito a uma posição geográfica. O conceito “Jominiano” similar para o Objetivo Decisivo, nos carece de ampliação, já que parece se limitar em muito ao território ou à determinada posição dentro do Teatro de Operações, não atingindo o verdadeiro valor e a importante influência que ele possa exercer no destino de uma guerra.

Finalmente, pudemos perceber que Jomini, apesar de não negar a busca pelas ações ofensivas de ataque visando o aniquilamento do inimigo numa batalha decisiva, atribui importância a exploração das Ações Táticas de “Interdição”. Pelo o que vimos, na sua concepção, embora as considere de caráter secundário, elas podem levar um Exército e, conseqüentemente, uma nação, a ruína, encerrando a guerra.

E assim, chegamos aos resultados deste capítulo. Passaremos, agora, a parte final do nosso trabalho, e as conclusões que poderemos tirar a respeito da aderência da Estratégia da Paralisia em relação aos pressupostos teóricos do pensamento clássico.

5 CONCLUSÃO

Encerrada nossa análise, passaremos agora a buscar dentro dela, aspectos convergentes entre a Estratégia contemporânea estudada e os pressupostos teóricos “Clausewitziano” e “Jominiano”. Estas semelhanças, enfim, nos servirão de base para concluirmos sobre em qual dos nossos pensadores clássicos a Teoria de John Warden teria maior aderência.

Warden entende que a Superioridade Aérea é a chave-mestra para o início de qualquer Operação militar contemporânea. A análise de tal preceito à luz dos pressupostos de Clausewitz e Jomini ficou um tanto comprometida, tendo em vista que as possibilidades estratégicas advindas do domínio do ar somente apareceram no início do século XX. Contudo, num esforço do autor em querer levar a cabo tal análise, buscou-se estabelecer uma relação de superioridade entre dois oponentes que se encontram em posições altimétricas diferentes, algo que seria familiar aos nossos pensadores clássicos, e que ao mesmo, guardada as devidas proporções, pudesse servir de comparação.

Clausewitz reconhecia uma relação de superioridade tática favorável àquele que ocupa uma posição elevada em relação ao seu oponente, pois afirma que o simples fato de assim se considerar, mesmo que tal vantagem não seja tão grandiosa, causa ao inimigo uma sensação de inferioridade.

Jomini, no entanto, parece possuir dúvidas sobre as vantagens enumeradas pelo General prussiano, atribuindo a superioridade nestas situações, à genialidade dos Comandantes envolvidos. Mas, o General suíço, por intermédio de uma análise de um aeróstato empregado em ações militares ainda no século XVIII, parece prever a relevância que tal meio irá exercer no futuro, prelúdio das ações aéreas de esclarecimento e reconhecimento.

Assim, é possível concluir que para o preceito Superioridade Aérea, ambos os pensadores clássicos já apresentavam indícios de reconhecimento das vantagens advindas do

domínio do ar. Mas, seria leviano de nossa parte, dizer que Warden aderiu a algum deles, neste requisito. Como dissemos, Warden é um Coronel da *USAF*, e em sua carreira, certamente, as Teorias de Douhet estão mais presentes, devido à natureza do seu ofício militar.

O segundo preceito analisado diz respeito ao “Princípio Estratégico”. O Coronel norte-americano, faz da “Direção” e do “Princípio da Iniciativa das Ações”, suas principais leis de guerra.

Clausewitz, no entanto, atribui à “Concentração” a lei máxima da guerra, enfatizando a relação de “Superioridade Numérica”.

Neste preceito entendemos que a Teoria de Warden adere de maneira mais significativa aos pressupostos de Jomini. O entendimento do General suíço se alinha perfeitamente ao de Warden, ao observar que de nada adianta ter concentrado um Exército grandioso se não se souber que “Direção” dar a ele em busca do “Ponto Decisivo”. Jomini ainda defende a ação ofensiva, atribuindo relevância a necessidade de se tomar a “Iniciativa das Ações”, na busca de surpreender o inimigo, e conseqüentemente, mantê-lo na defensiva.

Em relação ao Objetivo Decisivo, Warden formula sua Estratégia com base no modelo da “Teoria dos Cinco Anéis”, fundamentado no conceito de “Centro de Gravidade”, segundo o seu entendimento, valendo-se de um modelo gráfico para explicá-lo.

Em Jomini, encontramos a definição de “Ponto Decisivo”, que nos deixou a sensação de ser algo bastante simplório, focado em alguma coisa geograficamente demarcada. Ficamos com a percepção de que Jomini restringiu sua análise sobre Objetivo Decisivo ao nível tático, considerada pequena em relação ao que Warden fez.

Encontramos grandes semelhanças entre as ideias de Warden e de Clausewitz relacionadas ao conceito de “Centro de Gravidade”. Além do uso do termo idêntico, vimos indícios suficientes para sustentar que a Estratégia da Paralisia apresenta traços marcantes do General prussiano, no tocante a este preceito. O fato de Clausewitz considerar o “Centro de

Gravidade” como o eixo em movimento do inimigo, juntamente com o reconhecimento de que a complexidade da guerra é tal que permite a identificação de mais de um destes centros, são aspectos que nos remetem de imediato ao modelo teórico de Warden.

Finalmente, chegamos a análise da Ação Tática. O Coronel norte-americano insiste que as ações de “Interdição” são as mais adequadas a sua “Estratégia da Paralisia”, pois por meio delas, é possível derrotar o inimigo sem ter que destruí-lo por completo.

Clausewitz, assim como Jomini, entendiam que as Ações Táticas ofensivas deveriam ser realizadas com o intuito de destruir definitivamente o inimigo. Mas o General suíço leva uma pequena vantagem em relação ao seu “opponente” prussiano, ao considerar, embora que secundariamente, a relevância de interromper os fluxos logísticos do inimigo, levando-nos a acreditar que ele atribuía importância, também, as ações de “Interdição”.

Por tudo o que fora exposto, é possível concluirmos que a “Estratégia da Paralisia” de Warden possui aderência aos pressupostos teóricos de ambos os pensadores clássicos selecionados para este trabalho, sendo que, Jomini leva uma pequena vantagem sobre Clausewitz, decidida sobre o último preceito pesquisado.

Temos, porém, a clara certeza de que nosso trabalho não dá por encerrado este assunto. No início da nossa abordagem a respeito da formação intelectual de John Warden, comentamos a possibilidade do General John Fuller tê-lo influenciado, sobretudo no tocante a elaboração de seus trabalhos acadêmicos, o que por si só, constitui-se em uma valiosa e abundante fonte de pesquisa para estudos futuros de similar propósito.

Para nós, o que realmente fica como valioso neste trabalho é o reconhecimento do legado deixado por homens que dedicaram suas vidas a transmitir conhecimentos e experiências militares, vivenciados há mais de um século e meio atrás, ensinamentos estes que continuam a se fazer presentes até os dias de hoje, marcando gerações que, assim como eles, buscam dominar a Arte da Guerra.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Escola de Guerra Naval. *Manual de Estratégia Operacional*. In _____. EGN-601. Componentes da Estratégia Operacional. Rio de Janeiro, 2012. Vol. 1, 66 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas*. In _____. MD-35-G-01. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Brasília, 2015, 292 p. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35_g_01_glossario_ffaa_5_ed_2015.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2016.
- CLAUSEWITZ, CARL P. G. VON. *Da Guerra*. Tradução Maria Teresa Ramos, 1ª ed. Livraria Martins Fontes LTDA. São Paulo, 1996, 930 p.
- COUTAN-BÉGARIE, HERVÉ. *Tratado de Estratégia*. Tradução Escola de Guerra Naval, Ed. Brasileira. Rio de Janeiro, 2011, 607 p.
- DOUHET, GIULIO. *O Domínio do Ar*. Tradução Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica, Ed. Brasileira. Instituto Histórico-Cultural de Aeronáutica. Belo Horizonte, Itatiaia (Rio de Janeiro), 1988, 286 p.
- GOMES, LAURENTINO. *1808*. 16ª reimpressão. Editora Planeta do Brasil LTDA. São Paulo, 2007, 414 p.
- HISTORY CHANNEL. *The History Channel Latin America, LLC*. Disponível em: <<http://www.history.com>>. Acesso em: 22 de julho de 2016.
- JOMINI, ANTOINE-HENRI. *A Arte da Guerra*. Tradução do Major Napoleão Nobre, Ed. Brasileira. Ministério da Guerra (Biblioteca Militar). Rio de Janeiro, 1949, 151 p.
- MICHAELIS. *Dicionário online*. Disponível em: <<http://www.michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 14 de maio e 23 de julho de 2016.
- OLSEN, JOHN A. *John Warden and the Renaissance of American Air Power*. 1 ed. Washington, D.C. Potomac Books, Inc, 2007, 374 p.
- PARET, PETER. *Construtores da Estratégia Moderna*. Editora Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 2001, 680 p.
- SIQUEIRA, MAURO BARBOSA. *Poder Aeroespacial Brasileiro: dissuasão e segurança, coerção militar e defesa*. Trabalho de conclusão do Curso de Altos Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro, 2012, 69 p.
- TZU, SUN. *A Arte da Guerra*. Tradução Candida de Sampaio Bastos. Editora DPL. São Paulo, 2007, 190 p.
- WARDEN III, JOHN A. *The Air Campaign (Planning for Combat)*. 1 ed. Washington, D.C. National Defense University Press, Fort Lesley J. McNair, 1988, 193 p.

WARDEN III, JOHN A. *O Inimigo Como Sistema*. Ed. Brasileira. Alabama. AirPower Journal, 3º trimestre 1995, 44-59 p.